



O MAL-ESTAR DA FILOSOFIA “UM ENSAIO ACERCA DA FORMAÇÃO FILOSÓFICA CONTEMPORÂNEA”

LOPES FILHO, Artur Rodrigo Itaquí¹

¹ Acadêmico do curso de Filosofia – Licenciatura da UniLaSalle (Canoas) & Acadêmico do curso de Filosofia – Bacharelado da UFPel (Pelotas). Mail: artursan@gmail.com

Resumo Expandido

Ao estudarmos a história da filosofia atribuímos aos ditos pré-socráticos o nascimento do pensar filosófico, pois neles estão as raízes daquilo considerado pela academia necessário para ser um filósofo. O incomodo com a situação vigente e o constante questionamento da realidade vivida até então apresentada como algo impossível de ser questionado, nos alerta para aquilo o que seria o germe do filosofar. Esse incomodo, por princípio, despertaria no sujeito a admiração, assim como um espanto referente ao mundo, não mais justificado, explicado e definido pelas verdades previamente estabelecidas pela instituição regente até então. Esses pensadores anteriores a Sócrates teriam em si a autonomia necessária para darem voz a uma crítica que teimaria em não manter-se calada, afrontando e assumindo a responsabilidade de cogitarem algo diferente. A problemática possível de ser observada aqui está no ideal filosófico construído sobre a imagem de tais pensadores, onde o foco não está na postura crítica e sim na pretensa busca por respostas que visam solucionar o problema do não saber a “verdade” referente às coisas, estando sob essa “verdade” o nascer daquilo que chamamos hoje de filosofia: a busca por responder perguntas essenciais referentes a vida humana.

Sob essa idéia de filosofia e, por conseqüência, de filosofar, aqueles que nos antecederam acabaram por desviar a idéia de crítica daquilo que seria o “verdadeiro” caminho do filósofo, atribuindo ao mesmo a árdua tarefa de responder questões consideradas por muitos, sem respostas. Com uma idéia pré-estabelecida de filosofia, igualmente pré-estabelecida de filósofo, nosso antepassados fizeram o mesmo tão criticado por muitos referente a igreja fundada por Paulo de Tarso: a transformação de um incomodo – que despertaria no sujeito como algo natural – em doutrina. Friedrich Nietzsche afirma que: “o cristianismo *nega* a igreja” (Nietzsche, 2005, §27), pois nela está a educação para um pensar conforme aquilo idealizado por outrem. Agora, pensemos no filosofar e na instituição fundada sobre a premissa da autonomia/crítica e cogitemos: estaria a instituição filosófica objetivando a formação de seres autônomos ou “bonecos de pau¹”?

¹ Assim escreve Rubem Alves: “Não conheço estória que combine malandragem psicanalítica com convicção pedagógica como *Pinóquio*. Depois de levar a criança a se identificar com um boneco de pau, a trama progride proclamando que é necessário ir à escola para virar gente.

Referente a institucionalização do saber, Rubem Alves nos instiga a pensarmos na história de *Pinóquio*, onde um menino de madeira se torna um menino de “verdade” quando passa a frequentar a escola. Ora, se pensarmos a educação não como um ato de extrair do sujeito suas potencialidades, mas sim, introjetar no indivíduo valores pré-definidos e pretensos “esclarecimentos” referente a tudo, “corrigindo” a visão dos “míopes” sociais, moldando, por assim dizer aquele que virá a ser um adulto ideal, a resposta nos é clara. Essa “malandragem” que nos é passada pelo conto de fadas poderia ser entendida criticamente ao invertermos os papéis do protagonista onde nos seria possível pensar em um menino de verdade que ao ingressar na escola, passaria a ser moldado e assim “padronizado”, tornando-se por conseqüência um “boneco de pau”. Dentro dessa perspectiva, o filósofo, como fruto de uma construção acadêmica, estaria próximo a figura descrita por Rubem Alves de um “*Pinóquio* as avessas”, onde o processo no qual somos submetidos nos mantém calados, como que receptores passivos das palavras de outrem; uma constante atribuição de uma bagagem que indiretamente nos molda, para que assim, quando prontos e tivermos voz para desenvolver um discurso próprio, passemos a repetir aquilo a qual fomos ensinados a ecoar.

Distante de atribuir uma intencionalidade “maquiavélica” a esse processo que teoricamente doutrinaría os pretensos filósofos, mas observando tal processo criticamente, independente de atribuições de valores, é necessário questionar a possibilidade de que a bagagem histórica a qual somos submetidos possibilitaria a conversão da autonomia² em uma heteronomia³ filosófica.

É claro que o pressuposto da filosofia ensinada (e venerada até a contemporaneidade) é a de atribuir aos alunos uma “bagagem” para que após estar munido de um conhecimento prévio, seja possível o exercício da crítica fundamentada em discursos previamente erigidos, permitindo assim o exercício da autonomia. O fato é que poucos daqueles que são submetidos a tal processo, acabam por se tornarem detentores de um discurso próprio, pelo contrário, acabam por “ecoar” aquilo postulado como assunto a ser discutido, estando a postura filosófica limitada e, por conseqüência, determinada. Nesse caso, o tão necessária “referencial teórico” não somente inibiria, mas também determinaria o discurso filosófico, postulando áreas de atuação, não mais livres enquanto tal, restringindo a autonomia àquilo previamente considerado digno do filosofar.

O que aqui é cogitado é uma clara deturpação conceitual onde admitimos que a educação de novos filósofos deve passar sempre por uma doutrina⁴, que de fato irá calar a autonomia do indivíduo, mas não o cegando, apenas o direcionando para o caminho do filósofo pré-determinado por outrem, ou melhor, pela tradição. A autonomia aqui apresentada seria substituída por

(...) Claro que este é um golpe desonesto. Seria necessário dizer com clareza aquilo que aqui ficou simplesmente mal dito, contando sobre o destino invertido daqueles que eram de carne e osso ao entrar na escola e só receberam diplomas depois de se transformarem em bonecos de pau.” (Alves, 2005, p.69-70).

² Autonomia: “A autonomia é a capacidade de autodeterminação. Um agente é autônomo quando suas ações são verdadeiramente suas.” (Blackburn, 1997, p.31).

³ Heteronomia: “Os agentes são heterônomos quando sua vontade está sob o controle de outra pessoa.” (Blackburn, 1997, p.32).

⁴ Universalizando, poderia se ler tal afirmação: “a educação de novos sujeitos sociais deve passar sempre por uma doutrina”.

outra idéia, algo que seria melhor compreendido enquanto chamado por heteronomia, onde o indivíduo acredita estar agindo de forma autônoma, mas estará repetindo os passos pré-idealizados pelo grupo. Observemos as palavras de Gilles Deleuze:

A degenerescência da filosofia aparece claramente com Sócrates. Se definirmos a metafísica pela distinção de dois mundos, pela oposição da essência e da aparência, do verdadeiro e do falso, do inteligível e do sensível, é preciso dizer que Sócrates inventou a metafísica: ele faz da vida qualquer coisa que deve ser julgada, medida, limitada, e do pensamento, uma medida, um limite, que exerce em nome de valores superiores – o Divino, o Verdadeiro, o Belo, o Bem... Com Sócrates, aparece o tipo de um filósofo voluntário e sutilmente submisso. (Deleuze, 2007, p.20).

A alegoria da caverna de Platão retrata claramente aquilo idealizado por ele como o caminho necessário de ser percorrido pelo pretense filósofo: desviar os olhos das ilusões, passar pelas adversidades e ser iluminado, mas não só isso, retornar e ensinar (alertar) os demais, não mais como membro daquele grupo, mas como alguém “deslocado” e, igualmente, superior, pois detém em si o conhecimento referente à verdade sobre todas as coisas. Não é de se admirar que, segundo Platão, somente o filósofo poderia governar, pois apenas ele pôde contemplar o mundo além da caverna, isto é, observando a verdade, apto a discernir pelo bem e pelo justo. A pretensa busca da metafísica se caracterizaria pela tentativa desenfreada de alcançar verdades incontestáveis, absolutas que, por consequência, passariam a reger a vida humana (mesmo que calcadas em um imaginário no qual devemos por princípio acreditar). Essa representação funda no imaginário coletivo o ideal filosófico (mesmo que submisso), uma pretensa verdade referente aquilo que determinaria alguém ser ou não um filósofo, estando assim, para além de uma pretensa liberdade alcançada através autonomia crítica, e sim, outorgada pela atribuição de um título, como uma recompensa referente a uma adesão passiva a uma ordem determinante.

A construção da imagem do filósofo como aquele que, independente do caminho percorrido (método), busca pela verdade absoluta, nos afasta radicalmente de uma pretensa idéia de autonomia filosófica, algo que pressupõe, por princípio, uma liberdade crítica no indivíduo. A instituição como formadora dessa pretensa autonomia seria a mesma que a limitaria, moldando o discurso considerado “imaturado” e o direcionando para aquilo considerado “importante” pela instituição/tradição. Nesse espaço, o discurso crítico não poderia existir enquanto parte da academia, mas sim como algo independente a mesma, vide o fato deste pretender a liberdade discursiva, ainda consciente, mas não limitador; uma espécie de repulsão a liberdade crítica do sujeito, onde não se faz necessário pensar, pois o mesmo já é pensado sob os moldes do ideal filosófico.

A programação social do pretense filósofo distante de uma necessária autonomia crítica, está mergulhada na preservação sistemática daquilo que fora conquistado pelo grupo (detentores do título referente), o que resulta, por fim, na formação de indivíduos doutrinados, tendo o condicionamento de suas ações baseadas apenas no princípio da sobrevivência (existência e perpetuação) daquilo considerado como o “melhor”, confundido constantemente como o “verdadeiro” (instituição filosófica).

Longe da intenção de erguer um discurso em prol da “aniquilação” do saber filosófico desenvolvido enquanto restrito as “muralhas” das inúmeras

instituições de ensino, esse artigo busca questionar a problemática referente a questão da autonomia e do desenvolvimento crítico do sujeito enquanto parte do “espírito” filosófico que é buscado (ao menos discursivamente) ser desenvolvido no indivíduo enquanto sujeito a tal processo.

O exercício crítico do pretense filósofo enquanto participante desse processo de formação do “seu pensar”, nos alerta a uma problemática. Se a crítica emerge como reflexo de um estado de incomodo⁵, como exercitá-la enquanto o que nos é apresentado (ou buscado) é exatamente seu oposto; a promoção de um estado de comodismo acadêmico, assegurando aos seus membros um espaço de relaxamento dito “necessário” para que possa assim ser desenvolvido aquilo estabelecido como o “filosofar”. Igualmente, como pensar esse espaço como um meio para o desenvolvimento da autonomia do sujeito enquanto oriundo de um processo de formação que visa o direcionamento, ou orientação – não por métodos “opressivos”, mas por estratégias de convencimento, já intrínsecos a esse sistema –, do discurso do filósofo em formação aquilo que passou a ser os objetos de estudos da filosofia. Essa imagem construída do filósofo reflete aquilo definido por seus articuladores históricos, compreendendo a filosofia como algo desassociado da sociedade/cultura (isto é, além das coisas mundanas), igualmente comprometida com um idealismo que, muitas vezes, institui uma espécie de servidão do indivíduo a um saber construído com bases a um imperativo histórico/determinante.

Não será aqui objetivado descartar a história da filosofia pelo simples fato de ser esta, em certa medida, determinante daquilo considerado hoje como a filosofia e, por consequência, o filosofar. Mas o fato desta distinta faculdade do saber estar restrita a certas determinações que, de maneira selecionada e pouco abrangente, institui um critério de demarcação entre o que é filosofia e a não-filosofia, nos instiga a questionar de fato para que serve a figura do filósofo enquanto ser do mundo, desassociado (ou desligado) das questões que o afligem igualmente como ser social. Diante a institucionalização do saber filosófico, aparentemente pouco preocupado em promover um espaço de incomodo para que haja assim, a possibilidade do desenvolvimento crítico no sujeito pensante, nos é possível questionar – observando a tradição filosófica e afastando sutilmente da história os discursos efusivos e as atribuições de valores referentes a esta –, se desse meio, o filósofo como criador, crítico, autônomo e por princípio livre poderia surgir, desvelando-se desse véu que o mantém afastado da realidade vivida, voltado, não para o além, mas para si e para o mundo no qual o mesmo se encontra; enfim, nos é cabido questionar se ainda assim seria possível o seu tipo em geral.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 8ed. Rio de Janeiro: Papirus, 2001. 168p.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 438p.

⁵ O incomodo seria um estado primário, onde o indivíduo viveria um sentimento de “desconforto” quando diante a algo, que para ele, o atenta a cogitar possibilidades alternativas, pondo em dúvida aquela suposta verdade.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 2007. 106p. Tradução: Alberto Campos.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Acerca da mentira e da verdade & O anticristo**. São Paulo: Ridel, 2005. 127p. Tradução: Heloisa da Graça Burati.